"VOCÊ TEM alguma ambição ou sonho pro futuro?" perguntei por impulso.

"Tenho, e tô realizando agora mesmo", ela respondeu sem hesitar, piscando para mim. Estava esparramada sobre a mesa, sem os óculos, com uma expressão entediada.

"Ah, é mesmo?"

"É."

A conversa morreu ali, e o ar morno drenava qualquer vontade que eu tivesse de continuar.

Tínhamos chegado ao último ano do ensino médio, mas nada havia mudado. A vida continuava tão confortável quanto sempre foi. No entanto, ultimamente eu vinha começando a questionar as coisas com mais frequência.

"Quero dizer, você nunca se pergunta se talvez alguma coisa precise mudar?" insisti, após uma pausa.

"Ah, entendi."

"Entendeu o quê?"

"Que você tá na puberdade, Hino."

Nagafuji se endireitou, levantando os braços e os seios. Assim que chegamos aqui, ela trocou de roupa e colocou uma camiseta velha e gasta, com um furo no

sovaco. Era uma camiseta que nós duas havíamos comprado juntas alguns anos atrás — uma para cada uma. Mas eu raramente tinha oportunidade de usar a minha; estava dobrada em algum canto do armário.

"Não é sobre puberdade. A gente tá no terceiro ano agora, sabe? Tem muita coisa pra pensar."

"Ah, entendi."

"Aff, tá repetindo de novo..." O que significava que definitivamente ela não estava prestando atenção.

"Eu tô ouvindo! E então, qual história emocionante você vai me contar hoje?"

"Não é nada de mais..."

Ela levou uma mão atrás da orelha, fazendo graça. Suspirei e continuei, meio a contragosto.

"Olha, por enquanto a gente tá só brincando, e tudo bem, ainda temos tempo. Mas quando você arrumar um emprego, não vai ter mais tempo livre, então não vou poder ficar aqui o tempo todo, entende? E aí... as coisas não vão mais ser como eram antes. E, aliás, qualquer pessoa normal pararia pra pensar nessas coisas, só pra constar..."

As palavras saíram num tom rabugento e emburrado, mas eu não conseguia evitar. Me irritava pensar que só eu estava preocupada com o futuro. E, como sempre, ela só ficou alguns segundos refletindo antes de voltar a dar de ombros, como se não fosse nada.

"Claro, pode até ter uns problemas, mas a gente deixa isso pra depois." Ela fingiu pegar um monte de problemas invisíveis e jogá-los fora. Depois, veio se arrastando até o meu lado da mesa do *kotatsu*. "Com essas coisas fora do caminho, posso focar na garota bem na minha frente. Todo mundo sai ganhando!"

Ela deu três tapinhas nos meus ombros, e eu comecei a dizer algo tipo "meu Deus" ou "me dá um tempo", mas as palavras nem chegaram a sair da minha boca. O argumento dela era tão absurdo que nem dava para discutir. Com certeza ela tinha que saber que não era tão simples assim.

"Deve ser bom viver nesse mundo de fantasia seu."

"Epa, epa. Vai com calma ou vai fazer a velha Nagafuji-san corar."

Não adianta. Ela não entende. Ela é simplesmente invencível demais, pensei comigo mesma, soltando uma risadinha derrotada.

"Nagafuji Fantasiosa... gostei desse nome," ela continuou.

"Isso nem faz sentido gramatical."

"Fantasiosa Nagafuji?"

"Inverter não ajuda."

"Vamos chamar de Nagafan, então."

Eu já tinha cansado de bancar a paciente, então virei o rosto para outra direção. Enquanto isso, ela continuava tagarelando sobre fantasia isso, fantasia aquilo. Ao som da voz dela, soltei um suspiro.

O que eu tô fazendo com essa maluca? Por que logo a Nagafuji?

Ao tentar expressar em palavras, meu corpo reagiu contra, como se não quisesse que as emoções transbordassem.

"...Tá, olha só," falei de repente, sem me virar. "Vou tentar aguentar por mais uns dez anos, sei lá."

Eu queria estar com ela na próxima década, e para isso, teria que agir. Mas conhecendo a mim mesma, depois de dez anos, provavelmente seguiria em frente com outra coisa — ou outra pessoa.

Mesmo sem entender nada, como sempre, Nagafuji me lançou um sorriso suave. "Você consegue."

"Acho que o certo seria dizer *a gente*."

Você tá nisso também, mocinha! pensei, rindo por dentro.